

**A SEMANA – 191\***

26 de janeiro de 1896

Três vezes escrevi o nome do Dr. Abel Parente,<sup>1</sup> três vezes o risquei, tal é a minha aversão às questões pessoais; mas, refletindo que não podia contar a minha grande desilusão sem nomear o autor dela, acabo escrevendo o nome deste distinto ginecologista.

Ninguém esqueceu ainda a famosa discussão que aqui há anos se travou, relativamente à esterilização da mulher pelo sistema do Dr. Abel Parente. Ilustres profissionais, atacaram e defenderam o nosso hóspede, com tal brilho, calor e evidência, que era difícil adotar uma opinião, sem ficar olhando para a outra com saudade, como aquele irresoluto da comédia, que acaba escolhendo uma das duas moças a quem namora, mas suspira consigo: “Creio que teria feito melhor escolhendo a outra.”<sup>2</sup>

Não se falou mais nisso. Italiano, patricio de Dante, é provável que o Dr. Abel Parente haja dividido a clínica de parteiro e esterilizador entre dois versos do poeta, dizendo a uns embriões: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*,<sup>3</sup> – e a outros embriões:

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 26, p. 1, 26 jan. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 92-98). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Abel Parente (1851-1923): médico italiano, residia no Rio de Janeiro, onde tinha uma clínica. Em jornais cariocas, o médico publicava anúncios em que divulgava um procedimento contraceptivo feminino realizado por ele. Na *Gazeta de Notícias* (ano XVI, n. 250, p. 2, 7 set. 1890), o leitor pode consultar uma dessas propagandas. Os anúncios eram concisos, não traziam detalhes a respeito do procedimento. Setores conservadores da sociedade julgavam tratar-se de aborto, embora o método não fosse destinado à interrupção da gravidez. A novidade agitou a opinião pública nas décadas de 1890 e 1900. (Cf. MENDES, L.; VIEIRA, R. F., 2015) Ver ilustrações ao final desta crônica.

<sup>2</sup> Não localizamos a comédia. Machado de Assis se refere a ela – sem nomeá-la – em “A Semana – 158” (9 jun. 1895), crônica editada por John Gledson (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 137-141, jul.-dez. 2021).

<sup>3</sup> “Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate.” (*A divina comédia: Inferno III*, 9), “Deixai toda esperança, ó vós que entraís.” (DANTE, 2008, p. 37. Tradução de Italo Eugenio Mauro.) Esse verso vem numa carta publicada no *Jornal do Commercio* do dia 23 jan. 1896, a pedido de Abel Parente; adiante, nesta crônica (ver nota 7), onde Machado de Assis a menciona, damos mais informações a respeito.

*Venite a noi parlar, s'altri nol niega.*<sup>4</sup> Assim venceu um princípio, e nós fomos cuidar de questões novas, civis ou militares, políticas ou judiciárias.

Ultimamente (quinta-feira) escreveu aquele distinto prático uma carta ao *Jornal do Commercio*, contestando que o eucalipto<sup>5</sup> pudesse curar a febre amarela. Não crê que a febre amarela, – ou, cientificamente falando, o tifo icteróide, – possa ser combatido<sup>6</sup> com tal remédio ou com outro. Crê na *serumpathia*, e desde logo responde aos que puderem estranhar que ele, ginecologista, se ocupe de *serumpathia*, dizendo que “a *serumpathia* é a preocupação dos sábios de todos os países, e que o futuro da medicina está em seu poder.”<sup>7</sup>

Até aqui nenhuma ilusão me tirou; mas onde a mão do rude clínico rasgou violentamente o véu que me cobria os olhos, foi naquele ponto em que escreveu isto: “Desde os tempos de Hipócrates até os nossos dias, a medicina só se ufana de três remédios verdadeiramente eficazes e específicos: o mercúrio contra a sífilis, o quinino contra a malária, o salicilato de sódio contra o reumatismo articular.”<sup>8</sup>

Não acho, não conheço, não posso inventar palavras que digam a prostração da minha alma depois de ler o que acabais de ler. Vós, filhos de um século sem fé,<sup>9</sup> podeis ler isso sem abalo; sois felizes. Ainda assim, como simples efeito intelectual, é impossível que aquele trecho da carta vos não haja trazido alguma turvação às ideias. Imaginai o que terá sido com este pobre de mim que, mental e moralmente, vivia do contrário, não achava limites aos específicos. Li muito Molière, muito Bocage, mas eram pessoas de engenho, sem autoridade científica; queriam rir. A pessoa que nos fala agora, tem um poder incontestável, é ungido pela ciência.

Criei-me na veneração da farmácia. Entre parêntesis, e para responder a um dos meus leitores de Ouro Preto, se escrevo botica, às vezes, é por um costume da infância;

<sup>4</sup> *Venite a noi parlar; s'altri nol niega.*] “*Venite a noi parlar; s'altri nol niega.*– em GN. Verso de Dante (*A divina comédia: Inferno* V, 81), que vem assim na edição consultada: “venite a noi parlar, s'altri nol niega!”, “falai conosco, se outrem não o impede.” (DANTE, 2008, p. 52. Tradução de Italo Eugenio Mauro.)

<sup>5</sup> eucaliptos] eucaliptus – em SEM1953. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* – assim como o *Dicionário Houaiss* – registra apenas a forma “eucalipto”, sem o “s” final, que preservamos, como vem na crônica e na carta.

<sup>6</sup> O adjetivo verbal “combatido” concorda, em gênero e número, com o referente mais próximo, entre travessões (“tifo”), e não com o antecedente direto, “febre”.

<sup>7</sup> A carta – uma espécie de artigo de opinião intitulado “A SERUMTHERAPIA NA FEBRE AMARELA” – foi publicada no *Jornal do Commercio* do dia 23 jan. 1896 (ano 75, n. 23, p. 1, col. 7-8). No título da carta, e em todas as ocorrências ao longo dela, Abel Parente utiliza o termo científico *serumtherapia*, forma latina que deu origem em português a “seroterapia”. Machado de Assis, por sua vez, escreve *serumpathia* – talvez fosse a forma mais popular à época e, assim, mais apropriada ao gênero crônica. Machado cita uma frase da carta, com pequenos ajustes. Eis a frase: “A *serumtherapia* é com razão, presentemente, a principal preocupação dos sábios de todos os países, porque o futuro da medicina está em seu poder.”

<sup>8</sup> O cronista faz ajustes pontuais no trecho citado da carta. Eis a frase original: “Desde os tempos de Hipócrates até os nossos dias, *no espaço tão longo de tantos séculos*, a medicina só ufana-se de três remédios verdadeiramente eficazes e específicos – o mercúrio contra a sífilis, o quinino contra a malária, o salicilato de sódio contra o reumatismo articular.” (grifos nossos)

<sup>9</sup> fé,] é, – em GN. Na *Gazeta*, há espaço para a letra “f” – em início de linha.

ninguém falava então de outra maneira; os próprios farmacêuticos anunciavam-se assim, e a legislação chamava-os boticários, se me não engano.<sup>10</sup> *Botica* vinha de longe, e propriamente não ofendia a ninguém. Anos depois, entrou a aparecer *pharmacia*,<sup>11</sup> e pouco a pouco foi tomando conta do terreno, até que de todo substituiu o primeiro nome. Eu assisti à queda de um e à ascensão do outro. Os que nasceram posteriormente, acostumados a ouvir farmácia, chegam a não entender o soneto de Tolentino: *Numa escura botica encantoados*, etc.,<sup>12</sup> mas é assim com o resto; as palavras aposentam-se. Algumas ainda têm o magro ordenado sem gratificação, que lhes possam dar eruditos; outras caem na miséria e morrem de fome.

Mas, como ia dizendo, criei-me e vivi na veneração da farmácia. Perdi muita crença, o vento levou-me as ilusões mais verdes do jardim da minha alma; não me levou os específicos. Vem agora, não um homem qualquer, mas um competente, um áugur,<sup>13</sup> e declara público e raso que, no capítulo dos específicos, há só três; tudo o mais ilusão. Criatura perversa, inimiga dos corações humanos, que direito tens tu de amargar os meus últimos dias, e os de alguns desgraçados, como eu? Que me dás em troca deste imenso desastre? A *serumpathia*, dizes tu; ah! mas não era melhor decretar a *serumpathia* como um novo específico, um canonizado recente, encomendá-la à veneração dos leigos, por suas virtudes excelsas e sublimes? A ciência saberia o contrário; mas eu morreria com a boca doce dos meus primeiros anos.

Outros se ocupam também com a *serumpathia*,<sup>14</sup> e buscam achar aí a morte da febre amarela; mas nenhum deles veio negar os específicos anteriores, não já daquela, mas de todas as doenças. Um deles, o Dr. Miguel Couto,<sup>15</sup> há quatro anos, trabalha em

<sup>10</sup> A legislação, de fato, tratava os farmacêuticos por boticários. O decreto imperial n. 829, de 29 de setembro de 1851, regulamentou a profissão de boticário e o comércio de medicamentos em botica. O decreto n. 2.055, de 19 de dezembro de 1857, que regulamentou as condições para que farmacêuticos não habilitados tivessem licença para exercer a profissão ainda se referia ao estabelecimento comercial por “botica”, embora não tivesse empregado o termo “boticário”. O decreto n. 9.554, de 3 de fevereiro de 1886, consolidou na legislação oficial os termos “farmacêutico” e “farmácia”. Na língua falada, porém, os termos “botica” e “boticário” persistiram por longo tempo.

<sup>11</sup> *pharmacia*] *farmácia* – em SEM1953. O aspecto gráfico, neste caso, é relevante: por isso, preservamos a grafia do autor – ele se refere à forma em que a palavra se apresentava nos anúncios, nas tabuletas, etc.

<sup>12</sup> Primeiro verso de um soneto de Nicolau Tolentino de Almeida (1740-1811), que transcrevemos: “A DOIS VELHOS JOGANDO O GAMÃO // Em escura botica encantoados, / Ao som de grossa chuva que caía, / Passavam de janeiro um triste dia / Dois ginjas no gamão encarniçados: // Corra, vizinho, corra-me esses dados, / Gritava um deles, que nem boia via: / De sangue frio o outro lhe dizia / Mil anexins naquele jogo usados: // Dez vezes falha o mísero antiquário; / E ardendo em fúria o trêmulo velhinho, / Atira c’uma tábola ao contrário: // O mal seguro golpe erra o caminho; / Quebra a melhor garrafa ao boticário, / Que foi só quem perdeu no tal joguinho.” (ALMEIDA, 1861, p. 42)

<sup>13</sup> O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* – assim como o *Dicionário Houaiss* – só registra a forma “áugure”, mas preservamos a forma “áugur”, que vem em GN e em SEM1953.

<sup>14</sup> *serumpathia*,] *serumpathia*, – em GN; *serumpatia*, – em SEM1953. Julgamos que a ausência de itálico foi descuido tipográfico.

<sup>15</sup> Miguel Couto (1865-1934) era médico e gozou de imenso prestígio na época. Sobre ele, Ubiratan Machado (2021, p. 163) registrou: “Foi defensor intransigente da educação para todos. O seu primeiro contato com Machado ocorreu em 1904, quando o estado de saúde de Carolina havia se agravado. Pouco

descobrir por semelhante via o meio de acabar com o nosso flagelo nacional. Não o achou, mas outros colegas, que ainda agora começam igual trabalho, reconhecem que a prioridade pertence ao Dr. Couto; é o que lhe nega o Dr. Abel Parente, cujo argumento é que ele não levou a ideia a efeito, nem escreveu nada. A diferença entre um e outro é que, no entender do primeiro, o *serum*<sup>16</sup> deve ser mais ativo e eficaz, quanto mais próximo o convalescente estiver da terminação da moléstia; no do segundo, é que o *serum* deve ser extraído três ou quatro semanas depois de iniciada a convalescença.

Sobre a prioridade, direi apenas que não há Colombo sem Américo Vespúcio, e por conseguinte pode muito bem vir a ter razão o segundo dos facultativos. Este ainda ontem, respondendo ao primeiro, que parece não crer que os convalescentes se submetam à sangria, para salvar outros doentes, responde-lhe: “Creio que, salvo as exceções, todos oferecerão generosamente o próprio sangue para salvar a vida alheia ameaçada; creio que este ato generoso o homem praticaria também, se soubesse de antemão que o seu sangue deve servir para salvar a vida de um figadal inimigo, ainda se depois preciso for cravar-lhe um punhal no coração e ter o prazer infernal de beber o próprio sangue no sangue do inimigo.”<sup>17</sup>

De pleno acordo. A minha única dúvida é se, antes de combinado o prazo, o doente receberá facilmente o sangue de um dia ou de quatro semanas. Eu hesitaria. Em suma, o que é preciso, é que a morte não continue a dizer aos enfermos que vão ter com ela:

– Meus filhos, vireis para cá enquanto por lá não acertarem com o específico da febre amarela. Eu só conheço três específicos, desde Hipócrates, o mercúrio contra a

---

pôde fazer. A paciente já se encontrava em fase de agonia. Num gesto de extrema gentileza, o médico não quis cobrar pelos seus serviços, conforme explica em carta a Machado, datada de 20 de novembro de 1904: ‘Peço a V. Ex. a fineza de levar o insignificante serviço médico que prestei à sua Exma. Senhora, à conta da amizade, dessa amizade que cada um tem intimamente aos grandes homens do seu país’. Em agosto de 1906, com a intensificação dos ataques de epilepsia, Machado resolveu procurá-lo em seu consultório na rua Senador Dantas, nº 27-E. O grande clínico aconselhou-o anotar as crises, as suas características e a frequência com que ocorriam. O tratamento teve um excelente resultado e Machado demonstrou gratidão ao médico. Em carta de 21 de janeiro de 1908, dirigida a Mário de Alencar, escreveu: ‘Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça’. O médico assistiu o paciente até o momento de sua morte. Como fizera em relação a Carolina, não cobrava as consultas de Machado.” Miguel Couto, mais tarde (1916), ingressou na Academia Brasileira de Letras.

<sup>16</sup> O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra “sérum”. Preservamos a grafia latina do autor.  
<sup>17</sup> O jornal *O Paiz* (ano XII, n. 4132, p. 1-2, 25 jan. 1896), em matéria intitulada “A FEBRE AMARELA”, publicou textos enviados por Miguel Couto – a quem jornais da época atribuíam a autoria do método terapêutico para tratar a febre amarela (seroterapia) – e por Abel Parente, que reivindicava para si a glória de ter “divulgado e firmado em base científica” os princípios da seroterapia. A certa altura, escreveu Abel Parente: “Negando o Sr. Dr. Couto sentimentos humanitários e altruístas, não acredita que os convalescentes queiram submeter-se à sangria, para salvar outros doentes. Permita-me o ilustrado colega discordar de sua opinião. Creio que, salvo as exceções, todos oferecerão generosamente o próprio sangue para salvar a vida alheia ameaçada; creio que este ato generoso o homem praticaria também, se soubesse de antemão que o seu sangue deve servir para salvar a vida de um figadal inimigo, ainda se depois preciso for cravar-lhe um punhal no coração e ter o prazer infernal de beber o próprio sangue no sangue do inimigo.”

sífilis, o quinino contra a malária, e o salicilato de sódio contra o reumatismo articular, e ainda assim não chegam para as encomendas; daí vem que muitos morrem, apesar de muito bem especificados.





**DR. ABEL PARENTE**

FONTE: *O Álbum* (ano I, n. 25, jun. 1893)



**ABEL PARENTE “FRATRICIDA”**

FONTE: *Cidade do Rio* (ano IX, n. 36, p. 1, 13 fev. 1893)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Inferno*. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ALMEIDA, Nicolau Tolentino de. *Obras completas*. Lisboa: Castro, Irmão & C.<sup>a</sup>, 1861.

Disponível em:

<<https://play.google.com/books/reader?id=lfQRAAAAYAAJ&pg=GBS.PP8&hl=pt>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 26, p. 1, 26 jan. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13499](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13499)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018.

Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021.

Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. O “caso Abel Parente”, os homens de letras a disseminação do saber científico nos primórdios da República. *Revista Maracanan*, n. 13, p. 127-145, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20127/14577>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.